

La maladie de la mort é a doença da morte? (Um questionamento à equivalência na tradução)¹



Renata Pimentel²

Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE)

Resumo: Neste artigo busca-se fazer um questionamento sobre um dos mais difundidos e controversos conceitos no universo da tradução: a equivalência. Será, realmente, a atividade tradutória uma questão de equivalência entre duas línguas na transmissão de um dado conteúdo? Reflete-se, pois, sobre as ideias lançadas por estudiosos da teoria da tradução (alguns deles também tradutores) como Jean-Paul Vinay, Eugene Nida, Danica Seleskovich, Maurice Pergnier e Eugênio Coseriu, especificamente sobre as noções de equivalência que tais autores trabalham: suas limitações, suas conexões com a prática tradutória. E busca-se, por fim, mas não com menor relevância, ilustrar a discussão pela aplicação de tais ideias à edição bilíngue de *La Maladie de la mort*, de Marguerite Duras.

Palavras-chave: Teoria da tradução; equivalência; tradução literária.

Abstract: This article seeks to make an inquiry to one of the most pervasive and controversial concepts in the realm of translation: equivalence. Is really the translating activity a question of equivalence between two languages in the transmission of a given content? It reflects, therefore, on the ideas launched by scholars of translation theory (some of them also translators) as Jean-Paul Vinay, Eugene Nida, Danica Seleskovich, Maurice Eugene Coseriu Pergnier and specifically on the notions of equivalence that the authors work : its limitations, its connections with the translation practice. And looking up, last but not least important, illustrate

1. Recebido em 2 de fevereiro de 2011. Aprovado em 9 de maio de 2011.

2. Doutorado (2007) em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), é professora Adjunta do Departamento de Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE).

the discussion by applying these ideas to the bilingual edition of *La Maladie de la mort*, by Marguerite Duras.

Keywords: Translation theory; equivalence; literary translation.

Résumé: Cet article cherche à faire une enquête à l'un des concepts les plus répandus et les plus controversés dans le domaine de la traduction: l'équivalence. Est-ce vraiment l'activité de traduction d'une question d'équivalence entre les deux langues dans la transmission d'un contenu donné? Elle reflète, par conséquent, sur les idées lancées par les spécialistes de la théorie de la traduction (certains d'entre eux aussi des traducteurs) que Jean-Paul Vinay, Eugene Nida, Danica Seleskovich, Maurice Eugène Coseriu Pergnier et plus particulièrement sur les notions d'équivalence que les auteurs de travail: ses limites, ses liens avec la pratique de la traduction. Et levant les yeux, le dernier mais non moins important, illustrer la discussion en appliquant ces idées à l'édition bilingue de *La Maladie de la mort*, de Marguerite Duras.

Mots-clés: théorie de la traduction ; l'équivalence ; la traduction littéraire.

Introdução

*Ao amigo, herdado, Jorge Wanderley (in memoriam),
que soube ser a tradução, sobretudo poética, uma senda
humanamente tão indispensável quanto a neurocirurgia.*

O vasto campo de estudos, os diversos problemas e especulações que surgem no terreno da tradução, apesar de já terem gerado uma considerável produção teórico-crítica (seja ela dedicada especificamente ou não a essa área), ainda geram muita polêmica, e os resultados são certa imprecisão em algumas definições de objetivos, de metodologia e de concepções teóricas. Além disso, há o relevante fato de ser uma área em que a prática antecedeu a teoria, ou seja, a necessidade, a curiosidade e a busca de conhecimento fizeram com que se traduzisse textos antes mesmo de se pensar organizadamente sobre esta atividade.

É por isso, também, que há uma relativa distância entre os enunciados e construtos teóricos e a realização efetiva da atividade tradutória. Afinal, está se erigindo uma teoria, e ela não pode ser a simples descrição e especulação retirada da experiência prática em si. Há que se estudar o fenômeno tradutório em sua natureza e, por outro lado, não negligenciar os conhecimentos que se podem retirar diretamente da observação de textos traduzidos e do cotejo entre sua versão original e as traduções.

Dentre os trabalhos sobre a tradução que se ligam mais diretamente a uma visão específica sobre um único e determinado texto traduzido, alguns dos de maior destaque e nível de ocorrência são as críticas a determinadas produções específicas (traduções efetivas). A importância da atividade de tradução faz-se notória quando consideramos o número de obras traduzidas que passam diariamente por nossas mãos, ou mesmo fazem parte das fontes formadoras das bases do nosso conhecimento. Podemos mencionar desde as bulas de remédios até as grandes obras da literatura universal, destacando-se também os manuais técnicos sobre os mais variados assuntos.

A propósito da crítica de tradução, porém, como mencionamos, ela nos parece válida apenas quando reveladora dos percalços e problemas pertinentes e relevantes ao campo dos estudos a que, prioritariamente, diz respeito. Não adianta, tão-somente, elogiar ou apontar qualidades, ou ainda enumerar (o que é mais comum) as imperfeições no trabalho de um determinado tradutor, e sim partir do seu produto final para compreender melhor a sua atividade. Afinal, é fato indiscutível a dificuldade de realização dessa tarefa, tanto que é comum se encontrarem várias traduções, para uma mesma língua, de um determinado mesmo texto.

Neste trabalho, portanto, pretendemos fazer um questionamento sobre um dos mais difundidos e discutidos conceitos no universo da tradução: a equivalência. Será, realmente, a atividade tradutória uma questão de equivalência entre duas línguas na transmissão de um dado conteúdo? Para a realização desse objetivo, refletiremos sobre as ideias lançadas por alguns estudiosos e iremos aplicá-las à observação prática da edição bilíngue de *La Maladie de la mort (A Doença da morte)*, de Marguerite Duras.

Desse modo, pretendemos unir a especulação teórica à efetiva práxis da atividade tradutória, o que nos parece um meio mais completo e eficaz de se obterem informações ricas e válidas. Salientamos, ainda, que o fato de ser uma edição bilingue já propicia um contexto de cotejo imediato entre os textos original e traduzido. Enfim, as possíveis colocações de natureza crítica nascidas do nosso trabalho – ao que nos parece, pela mencionada estrutura do mesmo – não irão se revelar tão estéreis e desprovidas de uma coerente fundamentação.

Discussões teóricas

A ideia de equivalência é um dos conceitos-chave da especulação teórica dedicada à atividade tradutória. Podemos afirmar – sem temer a acusação de exagero – que quase todos os estudiosos, de uma forma ou de outra, abordaram essa questão. As trajetórias e experiências desse grupo compõem um perfil o mais variado possível: há diferenças desde a formação (linguistas, filósofos, tradutores efetivos), até as próprias concepções de cada um acerca desse tema.

Há, também, um outro ponto de divergência que merece ser mencionado: é o fato de que alguns desses estudiosos possuem experiência prática com a atividade de tradução, enquanto outros discutem o assunto somente no plano teórico. No entanto, como iremos discutir as abordagens em associação direta com a observação da práxis tradutória, esse dado não receberá grande destaque; constituirá, pois, apenas mais uma informação com relação ao embasamento do discurso de cada autor selecionado.

Referindo-nos, mais uma vez, a essa questão da seleção dos autores, parece-nos importante salientar a razão das escolhas feitas. Quisemos mostrar um amplo painel de várias tendências, que vão de autores já considerados clássicos (como Vinay e Nida) a artigos relativamente recentes (como os de Seleskovitch e Pergnier). Acreditamos ser esta uma mostra bem rica e heterogênea, o que nos fornecerá material suficiente para lançarmos os nossos pensamentos, o que se constitui no objetivo principal neste artigo.

Em sua obra *La Traduction humaine*, Jean-Paul Vinay sintetiza o seu pensamento acerca da tarefa de tradução, desde a própria natureza dessa

atividade (lançando o que denomina de “postulados” para ela) até a enumeração e definição de uma “classificação das dificuldades que se impõem através dos diferentes obstáculos impostos pelo texto original”, relação na qual situa precisamente o conceito de equivalência. Partindo de sua formulação dos postulados, já se pode ter uma clara ideia de como Vinay considera a tradução; afinal: “[...] não se traduz para compreender, e sim para fazer compreender.” (1968:729 – tradução nossa).³ E o segundo postulado (denominação do próprio autor) os diz que: “[...] a transmissão original da mensagem sempre perde algo na tradução”. (1968:730).

Ou seja, entendida a equivalência de acordo com seu sentido original, como uma relação entre realidades de mesmo valor, claro fica, segundo as palavras de Vinay expostas, que é impossível uma correspondência precisa e completa entre os valores e empregos de vocábulos de duas línguas distintas. Isso, então, faz da equivalência (ou da sua impossibilidade de concretização plena) um obstáculo, uma dificuldade para a tradução, porém não o suficiente para torná-la uma tarefa inviável.

Dando continuidade ao seu trabalho, enumera o que seriam sete obstáculos à atividade, alguns funcionando realmente como dificuldades e outros colocando-se, mais precisamente, na condição de procedimentos para solucionar determinadas situações de complexidade maior. Assim, não só Vinay analisa o fenômeno da tradução, como também fornece certas orientações para o desempenho dessa tarefa, o que revela a ligação de suas ideias com a prática efetiva.

O linguista americano Eugene Nida, em seu livro *Language, culture and translating*, elabora uma visão da tradução que o conduz à ideia de uma ‘equivalência funcional’, e é para demonstrar esse seu conceito que traçaremos um breve perfil do pensamento do autor. Vale salientar que o resultado de suas especulações é fruto de anos de pesquisa e atividade tradutória; e, quanto a essa obra em particular, ela teve sua origem em uma série de cursos que Nida ministrou no ano de 1989.

3. Esta, como todas as outras citações de obras em língua estrangeira, foi por nós traduzida, para facilitar a leitura do texto.

Através de uma visão interdisciplinar, busca compreender de forma ampla os problemas principais da comunicação interlinguística (ou seja, entre línguas diferentes), dando destaque tanto às estruturas específicas de composição da própria linguagem, como realidade independente, quanto às estruturas em que se baseiam as sociedades envolvidas.

Sintetizando suas ideias, em função da chegada ao conceito de “equivalência funcional”, eis alguns dos seus pensamentos básicos:

- A não-existência de sinônimos absolutos, pois não há dois lexemas de uma mesma língua que possuam exatamente o mesmo conjunto de significados;
- Ampliando-se essa noção anterior, também não existem palavras em duas línguas que apresentem significados completamente idênticos, o que revela haver sempre uma perda ou distorção de sentido na comunicação interlinguística. Assim, um dos objetivos da atividade tradutória seria reduzir ao mínimo essas inevitáveis disparidades;
- A partir disso, para se traduzir de forma verdadeiramente eficaz, Nida salienta a importância do biculturalismo (mais até do que o bilinguismo), visto que os vocábulos só possuem real significação quando inseridos nas culturas em que funcionam.

Enfim, definindo o ato de traduzir como sendo “comunicar”, afirma ser mais precisa e adequada a referência a uma “equivalência funcional”: um esforço contínuo de busca da adequação (já que nenhuma tradução é completamente equivalente ao original); diferentes traduções irão representar graus variáveis de equivalência, no sentido de valor e de aproximação ao conteúdo que se pretende transmitir.

Em uma capítulo intitulado “Aspectos linguísticos da tradução”, Roman Jakobson (1990) parte da distinção inicial entre três formas possíveis de interpretação para um signo verbal: a tradução dele por outros signos da mesma língua; através de outro sistema de símbolos (não-verbais); ou a formulação

em outra língua. Esta última é denominada de tradução propriamente dita e correnponde à noção comum e mais difundida da atividade tradutória.

Jakobson fala explicitamente no conceito de equivalência, empregando inclusive esse termo, ao fazer as seguintes declarações:

[...] no nível da tradução interlingual, não há comumente *equivalência completa* entre as unidades de código... [...]

Mais frequentemente, entretanto, ao traduzir de uma língua para outra, substituem-se mensagens em uma das línguas, não por unidades de código separadas, mas por mensagens inteiras de outra língua. Tal tradução é uma forma de discurso indireto: o tradutor recodifica e transmite uma mensagem recebida de outra fonte. *Assim, a tradução envolve duas mensagens equivalentes em dois códigos diferentes.* (1990:65 – grifos nossos)

Vemos que, apesar de afirmar a não-existência de ‘equivalência completa’ (algo que seria impossível até mesmo entre termos ditos sinônimos dentro de uma mesma língua), chega a lançar uma definição de tradução como uma operação envolvendo “duas mensagens equivalentes”. Na verdade, mesmo considerando a atividade em questão como uma substituição entre “mensagens inteiras”, em outras palavras, privilegiando o conteúdo, Jakobson ainda peca pelo emprego dessa ideia de serem elas equivalentes (tal termo sugere que tivessem rigorosamente o mesmo valor e o mesmo conjunto de significados, igualando-se os dois textos – original e traduzido – tanto nas linhas, quanto nas entrelinhas).

Já Maurice Pergnier considera a tradução não como uma mera substituição de palavras supostamente sinônimas entre duas línguas, e sim como uma operação de reformulação de todo o sentido de uma mensagem em outra língua. A partir dessa reflexão, permite-se uma comparação entre línguas distintas e a constatação de algumas características essenciais dos signos:

1. A não-coincidência de seus empregos;
2. O fato de serem polissêmicos, porém sem preencher o mesmo conjunto de significados.

Pensando no caráter estrutural das línguas, acrescenta ainda que, apesar de algumas eventuais semelhanças entre as estruturas, os elementos de uma língua não podem ser simplesmente transpostos para outra, pois seus valores dependem de um contexto e pertencem a um universo dotado de leis de funcionamento próprias e específicas.

Assim é que este autor chega à noção de uma equivalência circunstancial, ao concluir que só existem equivalentes de tradução numa dada situação e para uma mensagem determinada. Então, aponta para uma concepção do significado dividida em dois níveis: o seu valor estrutural (a significação) e o valor contextual (a designação).

A significação remete ao valor apreendido no sistema a partir das diversas designações assumidas pelo signo; já a designação, como se refere a uma realidade extrínseca à língua e a um contexto situacional específico, faz surgir a ideia de definição e representação prática dos fenômenos. Enfim, no que tange à tradução, vê-se então que a correspondência entre duas palavras não deve jamais ser buscada ao nível da significação, e sim ao da designação.

Danica Seleskovitch, a partir de suas observações práticas, chega a um esquema explicativo, o qual serve perfeitamente como síntese de seu pensamento. Ao invés de considerar apenas os dois elementos que são colocados por toda a teoria linguística da tradução (a língua de partida e a língua de chegada) e a ação de traduzir como a operação de transformação de uma na outra, faz a distinção de três elementos: o discurso na língua “x”, a apreensão do sentido fora na língua deste discurso e a reexpressão deste sentido na língua “y”.

Na verdade, afirma ter constatado, ao longo da experiência concreta, a não-existência de equivalências preestabelecidas entre as línguas para exprimir o sentido que se desprende do discurso. Seleskovitch percebe o sentido como um desejo de expressão exterior à língua e cuja emissão necessita da associação de uma ideia não-verbal à indicação semiótica (fala ou gesto) e cuja recepção exige uma ação deliberada do receptor. Resume, então, a tradução da seguinte forma: “[...] creio que a operação é de compreensão e de re-expressão das ideias, e não de conversão dos signos.” (1976:65).

E, por fim, o último teórico a cujo trabalho nos referimos, neste artigo, é Eugênio Coseriu, o qual segue a mesma trilha dos dois últimos mencionados. Ele também adota as ideias de significado e designação, as quais resume na seguinte declaração:

O significado é o conteúdo dado em cada caso pela língua e, precisamente, exclusivamente pela língua, por esta ou aquela língua determinada. A designação, em troca, é a referência às “coisas” extralinguísticas, aos “fatos” ou “estados de coisas” extralinguísticas. (1982:159)

Coseriu introduz, ainda, a noção mais ampla de sentido, como “o conteúdo particular de um texto ou se uma unidade textual, na medida em que este conteúdo não coincide simplesmente com o significado e com a designação.” (1982:159). Quer dizer, o autor afirma que só se traduzem textos e atenta para um importante detalhe: esses textos não são elaborados apenas com os meios e recursos linguísticos, são também formados com o auxílio dos meios extralinguísticos – e cada um em uma proporção particular.

Assim, sintetiza o problema do ato de traduzir na busca de uma designação idêntica, através de meios linguísticos diferentes. Então, não se deve questionar a possibilidade de traduzir este ou aquele significado de uma língua, e sim como é possível denominar o mesmo fato ou estado de coisas, na mesma situação, em uma outra língua.

Para tanto, o procedimento deve ser, primeiro, identificar o que o texto original está designando e, depois, buscar na língua para a qual se está traduzindo o que pode corresponder à mesma designação. Dessa forma, o mais importante na tradução é que:

[...] em ambas as comunidades linguísticas se conheçam e possam designar-se os elementos, as partes integrantes dos fatos referidos, e que situações análogas possam ser construídas com os meios próprios das duas línguas. (1982:162)

Vale salientar ainda que Coseriu não esquece de considerar a impossibilidade de existência de um ideal de tradução único e válido universalmente, visto que:

[...] a ‘melhor tradução’ absoluta de um texto qualquer simplesmente não existe: só pode existir a melhor tradução de tal texto para estes e aqueles destinatários, para estes e aqueles fins e nesta e naquela situação histórica. (1982:171).

La maladie de la mort é a doença da morte?

A esta altura do nosso percurso, após traçados os marcos da discussão teórica, vamos observar a questão da equivalência a partir de sua realização efetiva e, para tanto, optamos por uma edição bilíngua. Antes, porém, devemos destacar alguns aspectos peculiares que caracterizam uma edição desta natureza e acabam mesmo por exercer alguma influência no processo de tradução. O dado fundamental nesse sentido é a chamada restrição gráfico-espacial, ou seja (sobretudo num tipo de publicação como a de *La Maladie de la mort*, na qual o original e a versão em português – tradução de Jorge Bastos – são postos lado a lado), é necessário construir-se uma tradução com uma extensão similar à do original, para que se possam acompanhar os dois textos mais de perto.

No caso da edição escolhida, essa preocupação com o paralelismo na diagramação dos dois textos fica bem evidente, pois os blocos nos quais a novela está estruturada possuem, quase que exatamente, a mesma extensão na versão traduzida. Isso revela a preocupação em se ter o original e a tradução convivendo literalmente lado a lado, em páginas vizinhas. Um outro dado relevante é que este procedimento facilita o acompanhamento do original e o cotejo entre os dois textos.

Quando se traduzem obras literárias, parece ser um consenso geral a grande dificuldade da tarefa, já que se está tentando recriar um universo de grande semelhança com outro já existente, e segundo as linhas traçadas por este último no que tange ao conteúdo, ou seja, trata-se da retransmissão

do universo diegético. Assim, há que se atentar também para as questões específicas de estilo e, mesmo, de utilização lúdica da linguagem.

Como já dissemos, a atividade tradutória requer um excelente conhecimento das línguas e culturas envolvidas no processo (e tudo isso só se acentua, ao trabalharmos com a literatura), visto que a exploração dos recursos da língua, o uso pessoal, a transgressão estilística das normas, a busca de formas de expressão específicas (o pensamento das personagens, modos do falar regional, expressões orais e cotidianas, discursos específicos – como o amoroso) e ainda o grande emprego da “sugestão”, em outras palavras, um cuidado especial com o conteúdo que fica subjacente, nas entrelinhas.

Exemplos e comentários

“Elle ouvre les yeux, elle dit: Quel bonheur.”

“Ela abre os olhos, ela diz: Que felicidade.” (1987:15 – grifo nosso)⁴

“Vous lui demandez de répéter encore les mots. Elle le fait, elle répète les mots: La maladie de la mort.” (p. 23)

“Você pede que ela repita ainda as palavras. Ela o faz, ela repete as palavras: A doença da morte.” (grifos nossos)

No francês, o uso do pronome sujeito, via de regra, é obrigatório, pois não se deve construir uma oração com verbo desacompanhado. Já em nosso idioma (português), o uso do pronome pessoal sujeito iniciando cada oração torna o texto enfadonho; esta chega mesmo a ser uma prática desaconselhável. No entanto, quando nos domínios da literatura, pode ser considerado um recurso estilístico para conferir um determinado ritmo ao texto. Sendo assim, a opção feita pelo tradutor acrescenta um aspecto estético novo na versão em português.

4. Como todos os exemplos são extraídos da mesma edição (bilingue), apenas nesta primeira citação aparecerá o ano de publicação entre parênteses; nos demais, haverá apenas o número da página.

“L’Eau noire continue de monter, elle se rapproche. Elle bouge. Elle n’arrête pas de bouger.”

“A água negra continua a subir, se reaproxima. Move-se. Não para de se mover.” (p. 31 – grifos nossos)

Já neste trecho, o tradutor optou pela supressão dos pronomes subjetivos, o que tornou o texto mais agradável de ler, posto que soa mais natural e mais próximo do uso nativo do português.

“Et puis elle demande: Vous voulez quoi?”

“Depois ela pergunta : Você quer o quê?” (p. 8)

Nesse caso, a construção da oração no original em francês está formulada segundo a ordem comum de uma interrogação, numa situação de diálogo. Acrescente-se o detalhe: além da força do diálogo na narrativa, Marguerite Duras é roteirista notória de cinema, ou seja, a força do verbo numa construção de diálogo efetivamente encenável é traço recorrente na prática de escrita dessa autora. Cotejando-se a forma em português, percebe-se que o mais frequente no uso coloquial seria a inversão: “O que você quer?”

“Vous dites que vous voulez essayer, pleurer là, à cet endroit-là du monde.”

“Você diz que você quer experimentar, chorar ali, nesse lugar ali do mundo.” (p. 9 – grifos nossos)

O advérbio lá, fora os casos de oposição em uma mesma frase, junto ao seu opositor ici (tão diferentes na teoria), são frequentemente confundidos na prática. No caso desse exemplo acima, a tradução soa estranha, até inadequada, pois é gerada uma construção fora dos padrões do nosso uso. Talvez, o mais apropriado fosse o demonstrativo “aquele”: “... chorar ali, naquele lugar do mundo.”

“Quelle est l’époque de l’année en ce moment?”
“Que época é do ano este momento?” (p. 13)

Ao que parece, numa tentativa de seguir mais de perto o original, o tradutor elabora uma construção também fora dos nossos padrões de uso. Há uma série de alternativas para expressar esse conteúdo (esse sentido) que não violam o emprego habitual dos falantes nativos do português no Brasil, por exemplo: “Em que época d ano estamos?”; “Que época do ano é esta?”; ou ainda, “E agora, em que época do ano estamos?”... Só para darmos algumas opções de versão que trariam à tona, muito mais, a equivalência contextual, ou seja, traduziriam melhor a circunstância de fala em nosso idioma no uso coloquial, na fala.

“La maladie vous gagne de plus en plus, elle a gagné vos yeux, votre voix.”
“A doença ganha-o cada vez mais, ganhou os seus olhos, a sua voz.”
(p. 18 – grifos nossos)

Autilização do verbo “ganhar”, nesta situação, na construção original é pertinente ao uso comum do francês, entretanto, para o nosso idioma, a forma mais comum seria, provavelmente, com o verbo “tomar”. Afinal, ocorre-nos que usamos mais frequentemente a expressão “ser tomado por uma doença”, no sentido de ela espalhar-se, “tomar conta” do organismo.

“Le corps est sans défense aucune, el est lisse depuis le visage jusqu’aux pieds. Il appelle l’étranglement, le viol, les mauvais traitements, les insultes, les cris de haine, le déchaînement des passions entières, mortelles.” (p. 21)
“O corpo é sem defesa alguma, é liso desde o rosto até os pés. Ele chama o estrangulamento, a violação, os maus tratos, os insultos, os gritos de ódio, a descarga de paixões inteiras, mortais.” (grifos nossos)

De modo semelhante ao comentário anterior, destacamos, de início, a tradução literal do verbo “appeller”, que gerou uma construção estranha em português. Sugestão mais apropriada seria a do verbo “incitar”, que fornece o sentido de provocação contido no texto original francês. Com relação à primeira oração do parágrafo, também não se adequa ao uso comum do português. Uma estrutura mais pertinente seria, talvez: “O corpo não possui defesa alguma”.

“... les tempes, les tempes comme le temps.” (p. 27)

“... as tēmporas, as tēmporas como o tempo.”

Este exemplo serve-nos para mostrar como, graças a uma coincidência entre as duas línguas (e suas origens latinas comuns), é possível manter a aliteração do “t”, e, um pouco, o ritmo original, no qual os vocábulos são bastante semelhantes (tanto na escrita, quanto na pronúncia), o que também acontece em português, embora em uma, digamos, proporção um pouco menor.

Considerações finais

A partir da nossa análise, solidificam-se muitas das ideias discutidas acerca da tradução: desde a visão concretizada da grande dificuldade que esta atividade implica; a diversidade de resultados obtidos por diferentes versões; a importância fundamental de um profundo domínio das duas línguas envolvidas, somado ao conhecimento das culturas e, até mesmo, uma aguçada percepção das intenções comunicativas explícitas e implícitas ao texto.

Mais precisamente, no que tange à noção de equivalência, após a observação da práxis tradutória, percebe-se que ela suscita a questão, mesmo controversa, da necessidade de “fidelidade” ao original, compreendida na maioria das vezes como a busca da expressão exata da mensagem. Para tanto, é permitida até mesmo (por razões de natureza gramatical, lexical, antropológica, sociocultural...) a recorrência a formas linguísticas e organizações textuais um tanto divergentes do original.

Na realidade, estes desvios constituem a própria essência do ato tradutório, pois a fidelidade à mensagem, à expressão do conteúdo, requer uma fuga ao rigor formal; afinal, todas as línguas potencializam a mesma capacidade expressiva, contudo têm modos diferentes de efetivá-la. Há, algumas vezes, certa proximidade entre aspectos estruturais (léxico, sintaxe), sociais ou culturais de duas ou mais línguas, o que ofusca a consciência acerca dessas divergências.

No entanto, esse problema da adaptação, ou traição à forma, revela-se mais fortemente no terreno da literatura, no qual os recursos da língua são usados com intenção estética e, portanto, o elemento formal é um dos que passa a desempenhar papel de destaque, fugindo a sua realidade habitual. Neste caso, então, na busca da equivalência, será levada em conta a estrutura através da qual o conteúdo é veiculado.

Enfim, como palavras finais, damos a voz ao poeta inglês W. H. Auden que, em um ensaio sobre a atividade do tradutor, faz uma comparação entre o ler e o traduzir e revela aspectos importantíssimos desse ofício:

Ler é traduzir, pois a experiência de cada pessoa com o texto é exclusiva. Um mau leitor é como um mau tradutor: interpreta literalmente quando deveria parafrasear, e adota a paráfrase quando deveria interpretar literalmente. Para aprendermos a ler de uma forma mais crítica, a erudição, embora bastante útil, é menos importante que o instinto; há grandes eruditos que, como tradutores, mostraram-se fracós. (1993, p. 15)

Referência bibliográfica

AUDEN, W. H. 2003. *A Mão do artista*. São Paulo: Siciliano.

COSERIU, Eugênio. 1982. *O Homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro: Presença.

DURAS, Marguerite. 1987. *A Doença da morte*. Rio de Janeiro: Taurus. (ed bilíngue)

JAKOBSON, Roman. 1990. *Linguística e comunicação*. São Paulo: Cultrix.

NIDA, Eugene A. 1993. *Language, culture and translating*. Shanghai Foreign Language Education Press.

PERGNIER, Maurice. 1976. L'Envers des mots, in: *Études de linguistique appliquée*. Série 24, octobre-décembre, Paris: Didier, p.92-126.

SELESKOVITCH, Danica. 1976. Traduire : de l'expérience aux concepts, in: *Études de linguistique appliquée*. Série 24, octobre-décembre, Paris: Didier, p. 64-91.

VINAY, Jean-Paul. 1968. La Traduction humaine, in: *Le Langage*. Paris: Gallimard.